

ESPECISMO NA TV: UM OLHAR ABOLICIONISTA SOBRE O PROGRAMA “PELO MUNDO”

Speciesism on tv: a abolitionist look at the program
“Pelo mundo”

Paula Brügger

Professora Doutora Associado III do Departamento de Ecologia
e Zoologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: brugger@ccb.ufsc.br

Recebido em 13.04.2013 | Aprovado em 18.05.2013

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de um estudo acerca da existência ou não de valores especistas, entre outros, transmitidos via conteúdos latentes, pela televisão. Para responder a tal questão, foram analisadas quatro matérias do programa “Pelo Mundo”, da emissora *Globo News*. A fundamentação teórica versou sobre a natureza da mídia e sobre o conceito de especismo e utilizou-se da análise de conteúdo como metodologia. O presente estudo desvelou de que modo a mídia pode legitimar valores que são avessos a uma ética que se pode qualificar de correta no que tange à relação entre nós e os outros animais, uma vez que, nas matérias analisadas, diversos traços culturais hegemônicos em nossa sociedade, como o especismo e o valor apenas instrumental dos animais, foram produzidos e/ou reforçados via conteúdos latentes.

PALAVRAS-CHAVE: Especismo. Televisão. Análise de conteúdo. Educação. Racionalidade instrumental.

ABSTRACT: This article reports the results of a survey on the existence or not of speciesist values, among others, transmitted via latent content on television. To answer this question four subjects were chosen

from a TV program called “Pelo Mundo”, broadcast by *Globo News* channel. The theoretical basis was developed on the nature of the media and on the concept of speciesism. The methodology selected was the “content analysis”. This study unveiled how the media can legitimize values that are averse to an ethic that could be described as correct regarding the relationship between humans and the other animal species. In the subjects analyzed, different hegemonic cultural traits in our society, such as speciesism and the merely instrumental value of non-human animals, were either created or reinforced via latent content.

KEY-WORDS: Speciesism. Television. Content analysis. Education. Instrumental rationality.

SUMÁRIO: 1. Introdução: a natureza da mídia - 2. O especismo como questão cultural e moral - 3. Considerações sobre o método e o objeto deste estudo - 4. Da análise de conteúdo o material selecionado - 5. Considerações finais - 6. Notas de referência

1. Introdução: a natureza da mídia

De acordo com Santos¹ “ciência, tecnologia e informação são a base da vida social atual, a nova cara do espaço e do tempo”. A informação, no mundo globalizado² de hoje, chega até cada um de nós pelos mais diversos meios de comunicação, alguns dos quais altamente sofisticados sob o ponto de vista técnico. Seja por meio das mensagens, seja pelo que é decorrente de sua própria estrutura, os meios de comunicação influenciam de forma dramática a nossa relação com o entorno.

Diversos autores e cientistas têm destacado a enorme influência que a tecnociência vem exercendo em nosso universo cultural. Santos³ comenta que “a técnica é a grande banalidade e o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno”.

Postman⁴ assinala que os usos de qualquer tecnologia são determinados em parte pela estrutura da tecnologia em si. Em outras palavras, é a ideia de que o ‘meio é a mensagem’, como

vaticinou Marshall McLuahn. “Uma tecnologia nova não acrescenta nem subtrai coisa alguma. Ela muda tudo. No ano de 1500, cinquenta anos depois da invenção da prensa tipográfica, nós não tínhamos a velha Europa mais a imprensa. Tínhamos uma Europa diferente. Depois da televisão, os Estados Unidos não eram a América mais a televisão; esta deu um novo colorido a cada campanha política, a cada lar, escola, igreja, ou indústria. É por esse motivo que a competição entre os meios de comunicação é tão feroz”. Postman acrescenta que “a televisão muda o que antes chamávamos de ‘debate político’, ‘notícia’ e ‘opinião pública’. Essas mudanças ocorrem com rapidez e, em certo sentido, em silêncio. A tecnologia se apodera imperiosamente de nossa terminologia mais importante. Ela redefine ‘liberdade’, ‘verdade’, ‘inteligência’, ‘fato’, ‘sabedoria’, ‘memória’, ‘história’ - todas as palavras com que convivemos”.⁵

Ramonet⁶, que dialoga no mesmo sentido, também destaca que “entre os novos poderes o dos meios de comunicação de massas aparece como um dos mais poderosos e temíveis. Grupos industriais estão comprometidos em uma guerra de morte pelo controle dos recursos da multimídia e das superauto-estradas da informação. Esses grupos, mais poderosos do que os Estados, estão açambarcando o bem mais precioso das democracias: a informação”.

Os meios de comunicação de massa são o que Meadows chama de esfera da informação, também denominada por outros de noosfera, socioesfera e tecnosfera. A autora destaca que, “em contraste com a hidrosfera, litosfera e biosfera, essa é a única esfera sobre a qual temos controle”. Meadows enfatiza a importância e a responsabilidade das palavras na esfera da informação, pois elas podem manter as velhas estruturas ou afirmar novas, ou seja, a esfera da informação é o lugar de mudança do mundo, conclui ela.⁷

Santos é ainda mais contundente em sua opinião a respeito da mídia⁸. Ele nos ensina que “ela é o grande veículo do processo ameaçador da integridade dos homens. Virtualmente possível,

pelo uso adequado de tantos e tão sofisticados recursos técnicos, a percepção é mutilada quando a mídia julga necessário captar a atenção através do sensacional e do medo”. Santos também nos fala da natureza-espetáculo que substitui a natureza histórica e da natureza ‘cibernética’ (ou ‘sintética’) que substitui a natureza analítica do passado. Para ele, tais substituições não apenas promovem a ocultação do significado da História, mas estabelecem uma dolorosa confusão entre sistemas técnicos, natureza, sociedade, cultura e moral.⁹

Não existe neutralidade na seleção dos conteúdos que compõem as notícias dos telejornais, matérias jornalísticas, publicidade, ou programas de entretenimento, entre outros. A imparcialidade – no sentido estrito do termo – é impossível mesmo no âmbito da educação formal escolar, embora muitos jornalistas e professores acreditem nisso¹⁰. Meadows¹¹ cita bons exemplos, na área ambiental, de como é impossível a neutralidade ou objetividade. Ela menciona que se ouve sobre “indústrias que criam empregos para trabalhadores”, mas não sobre “trabalhadores que geram lucros para as indústrias”. A questão da neutralidade também fica muito prejudicada se pensarmos que manchetes como “Mamífero em extinção impede licença ambiental de empreendimento” poderiam ser substituídas por “Ganância põe em risco últimos exemplares de espécie endêmica”. O fato pode ser o mesmo. Mas a forma como são relatados pode variar sobremaneira. Nesse sentido, Friedman¹² comenta que “um número cada vez maior de pessoas está cobrando dos jornalistas que se tornem mais educadores do que provedores de informação”. As duas coisas, todavia, não andam separadas: em sendo provedores de informação já estão educando de uma forma ou de outra, pois conteúdos apenas “informativos” também formam.¹³

Ainda com relação à mídia, Meadows¹⁴ nos assevera que “ela é orientada para eventos e superficial; não reporta a estrutura subjacente, contextos históricos ou implicações a longo prazo; simplifica as questões e tem pouca tolerância com a incerteza, ambigüidade ou complexidade. Além disso, adora conflito e

controvérsias e divide o mundo entre perdedores e vencedores e situações certas e erradas”. Quanto aos valores preconizados pela televisão, Condry¹⁵ observou, por meio de um estudo, que existe uma predominância de valores egoístas e egocêntricos em detrimento dos valores altruístas. Embora tais considerações sejam relativas à problemática ambiental e à publicidade, respectivamente, elas são em geral válidas também na esfera das relações entre os humanos e os outros animais, como veremos em seguida.

2. O especismo como questão cultural e moral

Gonçalves¹⁶ salienta que usamos em nosso dia a dia uma série de expressões que trazem em seu bojo a concepção de natureza predominante em nossa sociedade: a de oposição entre sociedade e natureza, entre cultura e natureza. “Chama-se de *burro* ao aluno ou à pessoa que não entende o que se fala ou ensina; de *cachorro* ao mau-caráter; de *cavalo* ao indivíduo mal-educado; de *vaca*, *piranha* ou *veado* àquele ou àquela que não fez a opção sexual que se considera correta, etc. São todos nomes de animais, de seres da natureza, tomados em sentido negativo, em oposição a comportamentos considerados cultos, civilizados e bons” (grifos no original).

Não se pode negar que haja comparações com animais usadas em termos positivos. A própria palavra “animal” tornou-se um recente exemplo nesse sentido. Mas predominam, em nosso cotidiano, comparações negativas como “porco” para designar “sujo”; “aves de rapina” para qualificar profissionais desonestos e exploradores; ou “selvagem”, como um mau adjetivo para tantas coisas (como capitalismo selvagem, selva de pedra, etc). Usamos ainda - sem parcimônia e de forma acrítica - termos como “besteira”, “asneira”, “porcaria”, e assim por diante.

Estão expostas, aí, as raízes de nossa relação especista com os animais-não humanos: no antropocentrismo, um traço cultural

marcante de nossa cultura ocidental, industrial. Nossa linguagem revela de forma inequívoca a prepotência que marca a nossa relação com eles precisamente porque “as palavras são muito mais do que uma mera forma de expressão: a escolha de determinadas palavras e a exclusão de outras nos remete à própria essência do pensamento que originou o discurso, pois elas são ‘prisioneiras’ deste pensamento”.¹⁷

O termo especismo diz respeito, genericamente, à crença de que somos superiores aos outros animais e que, portanto, temos o direito de fazer com eles o que bem entendermos. Essa palavra foi cunhada originalmente pelo psicólogo britânico Richard Ryder, em 1970, em uma analogia ao racismo e ao sexismo, que são preconceitos também baseados em diferenças físicas moralmente irrelevantes.

No que concerne ao especismo, Ryder¹⁸ ressalta a capacidade de sofrer – sobretudo a de sentir dor – como o caminho mais coerente e sólido de balizar a questão. “A capacidade de experimentar dor é a única base convincente para atribuir direitos ou interesses a outros, argumenta ele. Muitas outras qualidades – como valor inerente – foram sugeridas. Mas o valor não pode existir na ausência da consciência. Dessa maneira, rochas, rios, ou casas não têm interesses ou direitos próprios. Diversos outros princípios e ideais morais foram propostos ao longo dos séculos, tais como justiça, liberdade, igualdade, ou fraternidade, por exemplo. Mas esses são apenas pontos de partida ou degraus para o objetivo final, que é a felicidade, a qual é alcançada por meio da libertação de todas as formas de dor e sofrimento. E por que enfatizo a dor e outras formas de sofrimento em vez do prazer e da felicidade? Porque a dor é muito mais poderosa do que o prazer. Quem não preferiria evitar uma hora de tortura em vez de ganhar uma hora de prazer ou deleite?”, completa ele.

Quanto à visão utilitarista, Ryder argumenta no mesmo sentido de Regan, que destaca que ela abre a possibilidade de tolerar o sofrimento animal. Conforme este último autor, tal possibilidade se deve ao fato de que o utilitarismo é a visão segundo

a qual nosso dever é desenvolver ações que tragam as melhores consequências para todos os envolvidos num determinado processo. Assim, essa postura ética permite que seus teóricos, ou defensores, cheguem a julgamentos opostos por apresentarem visões opostas acerca das consequências de determinados atos (se certos ou errados). Ele diz que os utilitaristas podem ser, portanto, abolicionistas, reformistas ou defenderem o *status quo*, dependendo de quanto achem necessário o sofrimento animal¹⁹. Em decorrência disso, também, Ryder²⁰ prefere eleger, como destacado antes, o critério da dor e do sofrimento, pois “cada dor pertence ao seu próprio mundo. Não é possível somar ou subtrair uma dor da outra”. O posicionamento de Ryder enaltece o valor da consciência no debate sobre o especismo, algo que se tornou ainda mais importante com a publicação da “Declaração de Cambridge sobre a Consciência”²¹.

Finalmente, é preciso admitir que a palavra especismo tornou-se mais conhecida a partir das reflexões do filósofo utilitarista Peter Singer. Além das questões já assinaladas sobre esse conceito, Singer dedica um bom espaço para a discussão da inter-relação entre especismo e senciência, que é a capacidade de experimentar dor, prazer, além de sentimentos e emoções, como o medo. Ele afirma que, “na ética utilitarista, ser passível de sofrimento é a característica que diferencia os seres que têm interesses – os quais deveríamos considerar – dos que não os têm, e que a condição de ‘senciente’ é suficiente para que seres vivos como os animais sejam incluídos dentro da esfera da igual consideração de interesses. Entretanto, o princípio da igual consideração de interesses não implica uma extensão dos mesmos direitos a todos os seres, e isso também vale para os humanos. Assim como não faria sentido algum conferir o direito de voto aos animais, tampouco faria sentido estender o direito dos homens a fazer aborto. Enfim, o preceito básico da igualdade não requer tratamento igual ou idêntico, bem como o princípio da igualdade não se baseia em atributos como beleza física ou capacidade intelectual: todos concordamos que o fato de uma pessoa

ser mais inteligente ou bonita que outra não lhe confere mais direitos humanos”.²²

Ainda que sem explorar exaustivamente esse debate, é possível perceber que a crítica ao especismo evidencia a inexistência de qualquer fundamentação ética que torne legítima, do ponto de vista moral, a separação entre animais humanos – detentores de um valor moral absoluto – e animais não-humanos, meros agregadores de valor instrumental. Ela é muito importante para repensarmos hábitos arraigados em nossa cultura como o de comer carne; usar roupas ou acessórios de couro ou pele/ cosméticos e produtos testados em animais, ou com ingredientes de origem animal; dispor de suas vidas para o nosso entretenimento; e a lista vai longe. É interessante notar também que, tanto no caso das chamadas pragas, quanto em situações como a de animais domésticos abandonados, ou ainda daqueles em risco de extinção, nós humanos criamos um problema, mas geralmente imputamos aos animais a responsabilidade por tais situações. E, na maioria das vezes, são eles que arcam com as consequências de nossos erros ou atos impensados. Tanto a literatura em áreas acadêmicas, quanto notícias provenientes de jornais, televisão, ou *Internet*, estão repletas de exemplos nesse sentido²³.

Vale destacar ainda que o especismo é - como o racismo, o sexismo, ou o imperialismo, por exemplo - uma forma de exercer domínio sobre o(s) outro(s) e de transformar diferenças em hierarquias. Isso vai contra, pelo menos em tese, a ética ambientalista de cunho crítico.

No que toca ao presente artigo, é mister, porém, que se faça também uma breve reflexão acerca de uma nuance ou forma de especismo que podemos chamar de “seletiva”. Ao contrário do especismo “*tout court*” – que diz respeito a uma total dicotomia entre nós humanos, detentores de valor moral absoluto, e os outros animais, cujo valor seria apenas instrumental – no especismo seletivo atribui-se valor moral a algumas espécies, mas não a outras.

Seria digressivo adentrar aqui as diversas fundamentações teóricas já disponíveis sobre esse tema, cuja ideia básica pode

ser expressa na frase: “Animais: se você ama uns, por que come outros?” Na verdade, esta sucinta frase que tem adornado camisetas e cartazes de ativistas dos direitos dos animais seria mais completa se fosse reescrita da seguinte maneira: “Animais: se você ama uns, por que come, veste, tortura, explora e extermina outros?” Há quem critique a frase por nela se usar do expediente “amor”, no lugar do que deveria ser “respeito aos direitos”, mas considero a frase bastante útil como abordagem sucinta e direta acerca da incoerência que caracteriza a forma reducionista e seletiva com que a maior parte dos humanos trata os animais não-humanos. Além disso, Schopenhauer²⁴ nos ensina que a compaixão – um sentimento bastante próximo ao amor – é a base efetiva de toda a justiça *livre* e de toda caridade *genuína* (grifos no original). Isso não quer dizer que se deva abdicar do que é provido pela razão, na forma de ensinamentos morais, mas esse argumento torna questionável a dicotomia entre razão e emoção, e entre a moralidade e os sentimentos. Voltarei a tal questão no final desta sessão.

Enfim, a crítica a essa incongruência moral, e talvez também cognitiva, chamada pelo filósofo Gary Francione²⁵ de “esquizofrenia moral”, gira em torno do fato de aceitarmos algumas práticas ou tratamentos dispensados aos animais como boas ou aceitáveis e outras não, independentemente de evidências científicas como estudos etológicos, posição na hierarquia filogenética, etc. Outro trabalho mais recente, de peso, é o livro da psicóloga social Melanie Joy, intitulado “Por que amamos cães, comemos porcos e vestimos vacas?” de 2009²⁶. De fato, o caso mais emblemático é o estatuto dos animais de estimação, como cães e gatos. A eles outorgamos considerações morais, lhes damos nomes e os consideramos como membros da família. De outro lado, animais como suínos e bovinos, também mamíferos e muitos dos quais – como os suínos – com inteligência e sociabilidade semelhantes à dos cães, são chamados simplesmente de “gado” ou “rebanho”. E isso, enquanto estão vivos. Tais animais de “segunda classe” não são considerados sujeitos de uma vida,

como defende Tom Regan, e são tratados coletivamente como se cada indivíduo não tivesse a sua personalidade, temperamento e modo peculiar de ser. Há outras espécies que por vezes conseguem, em tese, galgar o estatuto de detentores de consideração moral sem que sejam animais de companhia. É o caso típico das espécies ameaçadas. Mas o fato de estender consideração moral a esses animais se deve muito mais ao seu potencial valor instrumental como “bancos de genes” e mantenedores da biodiversidade vista como um “serviço ambiental” (sic), do que ao seu valor intrínseco. Na verdade, a elevação dos referidos animais à categoria de mercedores de consideração moral se deve usualmente a campanhas de organizações ambientalistas que, de resto, não compartilham o ideário abolicionista e permanecem no nível de uma “ecologia profunda”, digamos “tradicional”, de orientação essencialmente biocêntrica, no seio da qual se desconsidera o valor de cada indivíduo²⁷.

Sem entrar no mérito de outras publicações ou argumentações acerca desse tema, gostaria de agregar ou enfatizar, por último, três pontos que considero cruciais para a compreensão dessa forma contraditória de ver, sentir e tratar os outros animais.

Um deles, gostaria de sublinhar, deriva do fato de “a história humana sobre a Terra se caracterizar por uma progressiva ruptura entre o Homem e o seu entorno²⁸. No que diz respeito ao tema tratado aqui, outra frase de efeito (atribuída a Paul McCartney) seria “se os matadouros tivessem paredes de vidro, todos seriam vegetarianos”, ou simplesmente “o que os olhos não veem, o coração não sente”, ditado que, pela sua abrangência e maleabilidade, é pertinente a muitos contextos. No caso dos matadouros, é verdade que muitas pessoas não se deixariam afetar por essas imagens. Contudo, muitas outras ficariam chocadas ao presenciar tal espetáculo macabro. É comum, inclusive, encontrar pessoas em nossos círculos de amizade, trabalho, ou família, que se recusam a assistir a documentários que mostrem cenas desse tipo. Preferem permanecer em suas zonas de confort

to mental, já que “a ignorância é uma benção!”, como foi dito no primeiro filme da trilogia *Matrix*, de Andy e Lana Wachowski. Para tanto, alegam que “não suportam ver animais sofrendo”. Tal defesa emocional e cognitiva lhes é útil porque dessa forma podem continuar a exercer seu especismo seletivo em paz com as suas consciências, embora não em paz com a realidade em si. Se tivessem que matar ou explorar – elas próprias – os animais que lhes servem de alimento, diversão ou indumentária, por exemplo, talvez sua reação fosse bastante diferente. Para nós, das sociedades industriais, a ruptura com o entorno é completa nesse e em muitos outros sentidos: a luz vem do interruptor; a água, das torneiras; e a carne, das prateleiras dos supermercados. Pagamos para que animais sejam mortos para nos servir das mais variadas formas, e pior: sem necessidade. Terceirizamos os detalhes sórdidos da trajetória existente entre um copo de leite, por exemplo, e a vida dos animais envolvidos no processo, para que tudo fique bem longe de nossos olhos e ouvidos. A perda de contato com os processos é total em nossa sociedade. A história das relações se desvanece para dar lugar a um fragmento que passa a ser o todo.

O outro ponto que considero crucial se refere à já mencionada predominância de uma racionalidade essencialmente instrumental em nossa cultura. Na medida em que a relevância de todas as coisas é medida pelo seu valor de uso, de instrumento, de serventia a algum propósito humano, todas as coisas se tornam meios para outros fins. Ainda que “instrumentalizar” seja parte da condição humana, tal característica adquire um peso muito maior em nossa cultura, como destaca Hanna Arendt²⁹:

Na medida em que é *homo faber*, o homem ‘instrumentaliza’; e este emprego das coisas como instrumentos implica em rebaixar *todas* as coisas à categoria de meios e acarreta a perda do seu valor intrínseco e independente; e chega um ponto em que não somente os objetos da fabricação, mas também ‘a terra em geral e todas as forças da natureza’- que evidentemente foram criadas sem o auxílio do homem e possuem uma existência independente do mundo humano - perdem seu ‘valor por não serem dotadas de reificação resultante do trabalho.

E o tratamento conferido aos animais não escapa dessa lógica. Não vou abordar aqui a questão da reificação resultante do trabalho humano no caso dos animais, pois isso seria tema para outro debate. Gostaria apenas de destacar que a instrumentalização ilimitada de tudo o que existe explica, de um lado, o que podemos chamar de “especismo seletivo intraespecífico”, ou seja, porque cães ou outros animais de raça são criados, vendidos (e cobijados), sendo potencialmente mais passíveis de serem amados e bem cuidados do que os sem raça definida, da mesma espécie. De outro, explica também por que nem mesmo esses animais “fabricados” estão livres de abandono ou maus tratos: se perderem ou não apresentarem as características para as quais foram “desenhados” (companhia, caça, guarda, corrida, modelo heurístico, etc), ou se cessar o interesse da parte humana envolvida no caso (os motivos podem ser inclusive os mais fúteis), serão igualmente descartados como objetos sem valor, ou passarão à categoria de “animais de segunda classe”. De fato, existe uma coerência um tanto vil nisso tudo: se são fabricados e/ou comercializados, não são vistos como vidas e sim produtos passíveis de devolução. Há ainda os conflitos de interesse que funcionam como “gatilhos” para desencadear atitudes especistas seletivas, como aquelas em que o animal é “útil” para fins ritualísticos, científicos ou supostamente culturais, entre outros. O especista seletivo filtra as espécies, raças, situações, ou contextos, em função de seus interesses pessoais ou de determinado grupo.

Isso nos leva a adentrar o último ponto que desejo considerar aqui: as questões algo obscuras que envolvem altruísmo, empatia e mesmo caráter ou índole dos seres humanos. Uma recente notícia de um jornal suíço, que chocou a muitos, pode servir como tema desta sucinta reflexão: trata-se da constatação de que – na ocidental e supostamente civilizada Suíça – fazendeiros da região de Appenzell e St. Gallen consomem rotineiramente a carne de cães e gatos³⁰. Diante da reação negativa do público, um dos fazendeiros entrevistados, que preferiu permanecer no anonimato, argumenta que “carne é carne” e que protestos no

que tange ao abate desses animais é uma hipocrisia. De fato, de acordo com o ideário abolicionista, as vidas desses animais não são mais ou menos valiosas do que a de bois, ovelhas, ou porcos. Mas é no mínimo surpreendente que tal argumento venha de um carnívoro, ou “carnista”, como chama Joy, ou seja, de um especista seletivo.

Esse é um exemplo notável de como o especismo seletivo pode servir para encobrir atitudes que chamaria de delituosas, uma vez que os indivíduos que defendem a prática em questão sequer nasceram ou foram criados em países cujo “véu” cultural poderia turvar sua percepção do que seja certo ou errado sobre esse assunto. Muitos de nós, abolicionistas, tivemos dificuldade em algum momento de nossas vidas para perceber que o fato de criar e abater animais como aves ou suínos é algo abominável. Mas em nossa ocidentalidade – e limitados pelo nosso específico “véu de ideias” ou *Ideenkleid*, como diria o filósofo Herbert Marcuse³¹ – nascemos e crescemos imersos num contexto em que tais abates são (ainda) considerados legítimos, diferentemente do caráter condenável de consumir cães ou gatos. O que faz com que esses cidadãos de “primeiro mundo” com acesso a uma variedade imensa de opções alimentares, a técnicas que permitem controlar a população desses animais, e, ainda, cientes da repulsa moral que tal prática suscita na cultura ocidental – optem pela pior escolha ética possível? Se todos os animais gozam do mesmo estatuto, se “carne é carne”, por que, ao invés de se tornarem vegetarianos, decidiram estabelecer sua relação ética com aqueles animais no mais baixo patamar possível?³² É interessante mencionar que não existem leis que proibam esses abates na Suíça. Isso pode ser uma pista acerca de tal escolha. A história nos mostra, lamentavelmente, outros contextos nos quais “afrouxamentos” legais abriram a porta à barbárie. Exemplo notório foi o tratamento dispensado aos judeus na Segunda Guerra Mundial. Contexto cultural, portanto, não explica tudo. Há muitos nativos da ilha de Santa Catarina e litoral, descendentes de açorianos, que abominam a famigerada

farra do boi. E há os que, embora provenientes de outras partes do país, a defendam fervorosamente. E os exemplos se multiplicam em muitos contextos.

É aqui que questões como altruísmo, caráter ou índole entram: para dar o tom que seja um delito, como é o caso aqui: algo que, embora seja legal, é ofensivo aos preceitos da moral.

Mais uma vez me apoio nas reflexões de Schopenhauer, apesar de ele não ter sido um abolicionista animal no sentido moderno do termo e de ter argumentos inclusive algo especistas quando discorre sobre a bondade do coração³³. Entretanto, acredito, como ele, que “a compaixão para com os animais liga-se tão estreitamente com a bondade do caráter que se pode afirmar, confiantemente, que quem é cruel com os animais não pode ser uma boa pessoa”³⁴ E a compaixão se faz sentir, diz ele, quando “o bem e o mal do outro me atingem diretamente do mesmo modo; quando a diferença entre mim e o outro não é mais absoluta; é sofrer com o outro, no outro, embora saibamos que aquela dor não nos pertence”. Vale ainda citar o trecho em que ele afirma, acerca do que seria a base metafísica da ética, que se trata de um engano ou ilusão (ou ainda “Maja”, da doutrina hindu) a diferença entre o eu e o não-eu; *um* indivíduo se reconhece a si próprio, a sua essência verdadeira, imediatamente no *outro*”³⁵

Para encerrar este último ponto, um toque de humor. Se o biólogo Richard Dawkins estiver correto quando afirma que o altruísmo, a empatia e os nossos princípios morais são um subproduto da evolução – e que esses foram elementos benéficos nesse processo – então os defensores ocidentais desse cardápio, especialmente tais fazendeiros, são fortes concorrentes ao próximo prêmio Darwin³⁶, caso não venham a se reproduzir. Tal “prêmio” é conferido a pessoas que, por não deixarem descendentes (entre outros requisitos), contribuem de forma positiva para a evolução da espécie humana.

Com o pouco que foi discutido aqui, é possível afirmar que, assim como destaca Alphandéry³⁷ com relação ao meio ambiente, a questão animal se tornou objeto de um consenso tão espeta-

cular quanto ambíguo. E isso se deve ao conflito entre as visões abolicionista, bem-estarista (ou reformista) e a de manutenção do *status quo*.³⁸

A educação formal e os meios de comunicação poderiam promover uma revolução de proporções inimaginadas no sentido de disseminar o ideário abolicionista. Entretanto, as escolas e os meios de comunicação de massa, notadamente as grandes redes de televisão, desempenham muito bem a função de produzir, reproduzir e legitimar a visão social de mundo dominante, bem como seus valores hegemônicos. Nas palavras de Williams³⁹ “elas desempenham a função de agentes da hegemonia cultural e ideológica, de agentes da tradição seletiva e da incorporação cultural”.

Em sendo assim, pergunta-se: que crenças e valores de nossa sociedade são transmitidos subliminarmente, por meio da pseudodespolitização e dos “silêncios” ideológicos que formam o *corpus* formal do know how/expertise jornalístico? O que os telejornais, programas, ou a publicidade estão nos ensinando no que tange à relação seres humanos-outros animais? Estariam eles permeados por mensagens que reforçam valores especistas, ajudando, com isso, a perpetuar esse traço marcante de nossa relação com os animais não-humanos? A fim de verificar a veracidade ou não das afirmações acima, foi realizado um estudo para desvelar a visão de mundo que predomina nos meios de comunicação com relação aos animais não-humanos.

3. Considerações sobre o método e o objeto deste estudo

Para ilustrar a fundamentação teórica feita aqui acerca da natureza dos meios de comunicação de massa e sua potencialidade na produção e reprodução de visões de mundo e valores, como o especismo, foi efetuado um estudo de caso envolvendo um programa semanal de televisão. Tal estudo de caso elegeu a análise de conteúdo como método e teve como objeto de pesquisa o pro-

grama “Pelo Mundo”, da Globo News, cujo acesso se encontra disponível na *Internet*, na página da Globo⁴⁰. Optou-se pela comunicação televisiva devido ao alto grau de penetração que tal meio exerce e também porque “há uma proporção muito grande de pessoas que têm na televisão sua única fonte de informação”.⁴¹

No tocante à escolha do citado programa como objeto de análise, uma das questões que foram levadas em consideração diz respeito ao cuidado em não dicotomizar o material jornalístico que chega até cada um de nós com informações sobre os animais. É preciso pensar em termos da totalidade do que é veiculado, porque as abordagens que separam “o que (supostamente) é”, daquilo que “não é” relacionado a determinado assunto, já provaram sua ineficácia. Não é, portanto, prudente elencar “programas que abordam” e “programas que não abordam” a nossa relação com eles. É preciso ver o todo, sempre, como nos adverte Condry⁴². Isso se deve ao fato de as mensagens televisivas, sobretudo, serem altamente contraditórias quanto aos conteúdos e valores transmitidos. Como seu objetivo maior é o de divertir e captar a atenção dos telespectadores a qualquer preço, tanto o conteúdo quanto a forma das mensagens são geralmente impelidos a singrar as rotas da gratificação imediata. Assim, um dos motivos da escolha do programa em questão foi em virtude de ele apresentar frequentemente matérias sobre animais, embora não tenha exatamente esse propósito, ou seja, não se trata de um programa onde se poderia esperar uma advocacia explícita no que tange à nossa relação com eles. Um outro motivo se deve à sua periodicidade semanal, fato que o torna um objeto confiável de observação. E, em terceiro lugar, por se tratar de um programa de uma emissora a cabo, paga, onde teoricamente haveria mais independência no que se refere às suas fontes de financiamento. Com isso, poder-se-ia esperar mais liberdade na seleção de conteúdos que compõem as matérias e uma maior diversidade de pontos de vista. A opção pelo mencionado programa foi feita após um período de cerca de um ano de observação informal, durante o qual alguns outros objetos de estudo foram

descartados devido ao seu forte caráter temático e/ou direcionado (por exemplo, programas que habitualmente falam de animais de criação, ou selvagens).

A análise de conteúdo, como método, pode ser definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa – por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens – obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens”⁴³. A metodologia deverá levar em conta não somente os aspectos ideológicos manifestos no material analisado, mas também o seu conteúdo “oculto” ou latente e suas implicações na já destacada produção e reprodução de certos conceitos e valores.

A análise de conteúdo feita nesta pesquisa teve como objetivo a identificação da possível existência de elementos latentes relacionados às seguintes questões, ou categorias de análise: a) valorização de determinadas espécies em detrimento de outras; b) dicotomia entre animal a ser estimado e animal a ser explorado; c) contexto e condições para que um animal seja estimado; d) ênfase na ideia de que os animais –mesmo aqueles a serem estimados – não têm valor intrínseco na medida em que devem servir a algum propósito humano (como diversão, entretenimento, companhia etc); e) estímulo ao consumo de animais e/ou seus produtos como mercadorias supérfluas; f) valorização dos entornos artificiais (depreciação do que é meramente natural).

A averiguação acerca da presença ou não de tais conteúdos implícitos especistas é de extrema relevância na medida em que, por não se encontrarem claramente vinculados aos aspectos éticos da relação entre nós e os animais não-humanos, se tornam muito eficientes no sentido de formar (geralmente conformar e deformar) visões de mundo. É o chamado aprendizado incidental.⁴⁴

Quanto à metodologia, vale ainda discorrer brevemente sobre os chamados “*media frames*”. De acordo com Gitlin⁴⁵ os ‘*media frames*’ consistem em “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão por

meio dos quais os manuseadores de símbolos rotineiramente organizam o discurso, seja verbal ou visual”. Schlechtweg⁴⁶ argumenta que, “embora os *media frames* possam ajudar a audiência a entender novos itens, eles freqüentemente obscurecem muito do que é único sobre atividades e eventos, enquanto silenciam explicações, argumentos e perspectivas que não se encaixam no quadro de interpretações da mídia. Ele comenta ainda que os pressupostos e visões de mundo que guiam as escolhas dos jornalistas não são casuais e que é possível chegar, através de uma análise de elementos textuais e visuais, a esses pressupostos, bem como à lógica que unifica e molda seu conteúdo”.

É interessante notar aqui uma forte analogia com o conceito de “currículo oculto”, enfatizado por alguns estudiosos da educação. Para Jackson⁴⁷, por currículo oculto entende-se “as normas e valores que são implícita, porém efetivamente transmitidos pelas escolas e que habitualmente não são mencionados na apresentação feita pelos professores dos fins ou objetivos”. Giroux (1986, p.88) ressalta ainda a importância “dos ‘silêncios’ estruturais e mensagens ideológicas que moldam a forma e o conteúdo do conhecimento escolar”. O mesmo, vale dizer, é verdadeiro para as mensagens televisivas.

4. Da análise de conteúdo do material selecionado

Como comentado antes, houve um período de cerca de um ano de observação informal do programa para a realização do presente trabalho. No que tange a este artigo, teria sido enriquecedor trazer os resultados da análise de um período de pelo menos um mês do referido programa. Todavia, diante da grande quantidade de material compilado como resultado da pesquisa (incluindo a transcrição parcial ou total das matérias) e, ainda, do limite de laudas deste artigo, decidiu-se publicar somente quatro matérias exibidas entre os dias quatorze e vinte e um de dezembro de 2012. O motivo desse recorte, especificamente, se

deveu ao fato de uma das matérias fazer referência direta ao veganismo, o que faz dela um objeto de curiosidade maior, tendo em vista o tema deste estudo. De resto, manteve-se a sequência das datas de modo a assegurar a coerência no que toca à seleção do material em questão. As transcrições foram feitas em maior ou menor extensão, dependendo da necessidade de apontar os discursos (sobretudo) cujo teor tem relação com a fundamentação e objetivos aqui propostos. O aspecto imagético das matérias foi resumido, de modo a evitar uma sobrecarga neste texto.

Passemos, então, à análise de conteúdo das quatro matérias selecionadas como objeto de estudo nesse programa que tem início com a frase: “É informação com diversão”. A narração das matérias é feita por dois repórteres (um homem e uma mulher). Sendo assim, convencionou-se chamar a repórter mulher de “RM” e o repórter home de “RH”.

4.1. Título da matéria: “Pandas chineses passam temporada em floresta tropical artificial para incentivar a reprodução” (Data: 14/12/12; Tempo: 04’26’’)

A matéria tem início na voz da repórter que diz: “Kai Kai e Jia Jia são dois pandas chineses que estão passando uma temporada em Cingapura. A intenção, como sempre, é um namoro sério, a união e descendentes”. RH: “E Cingapura caprichou: o casal está morando numa floresta artificial projetada e construída no zoológico *River Safari* pra simular o ambiente natural dos pandas gigantes nas montanhas acidentadas da província de Sichuan, na China”. RM: “Ambiente climatizado, comida farta e boa, milhões de dólares para incentivar os pandas a fazer pandinhas (repórter sorridente). A floresta dos pandas gigantes é uma obra-prima da engenharia. Tem 1.500 metros quadrados e custou 7 milhões de dólares. Ambiente climatizado com telhado de vidro e metal para deixar entrar a luz do sol e agradar também

as plantas cultivadas. Parece que ficou legal, né, Kai Kai? (repórter sorridente mais uma vez). Agora o bambu de Cingapura parece saboroso. Pança pra cima. Temperatura por volta dos 20º. Nada pra fazer. Mas para essa boa vida, o tratador trabalha um bocado”.

A matéria prossegue com uma entrevista com o diretor adjunto do zoológico, Ang Cheng Chye, que fala sobre os problemas e desafios enfrentados pela equipe técnica, como, por exemplo, fazer a adaptação dos pandas ao bambu local. A repórter discorre ainda sobre o que fazem os pandas nesse cativeiro de luxo, qual dos dois animais é mais ativo e quem se interessa mais por comida. Ela fala também acerca das instalações a que os animais têm acesso, como piscinas de águas limpas e frescas. Um outro entrevistado (cujo nome não foi possível acessar), *designer* e diretor do projeto da floresta, aborda a peleja que envolveu a criação do ambiente oscilando entre 18º e 20º numa ilha tropical, mantendo a luz solar (daí o ar condicionado). Ele comenta que isso demandou uma longa série de simulações no computador para encontrar a situação ideal a fim de minimizar os gastos com energia para o resfriamento do local. O *designer* comenta que o projeto será um sucesso se os pandas prosperarem. Ele fala ainda dos bambus de metal para proteger dos pandas o bambu de verdade e das jaulas, que também têm ar condicionado. Kai Kai e Jia Jia foram emprestados pelo governo chinês para marcar as duas décadas de fortes laços entre Pequim e Cingapura, salienta a matéria. Segundo a reportagem, o ciclo reprodutivo de Jia Jia vai ser monitorado atentamente, mas ainda falta um ano para que ela atinja a maturidade sexual e entre no cio. Se ela não entrar no cio, não há nenhuma maneira de reproduzir os animais, destaca o diretor Ang Cheng Chye. No final, a repórter diz: “Em resumo, Kai Kai e Jia Jia estão em Cingapura com a missão de fazer pandinhas e de sensibilizar as pessoas para a conservação da fauna. Também está prevista a abertura de um centro de pesquisa com um laboratório para ajudar no programa de melhoramento e conservação dos pandas gigantes.

Não foi preciso, nessa matéria, se valer de nenhuma técnica especial de análise de conteúdo, ou mesmo de uma observação mais atenta, para detectar a forma direta com que ela incentiva o especismo seletivo. Tudo gira em torno de um projeto megalomaníaco, caríssimo e repleto de pormenores, para supostamente preservar uma espécie rara. A matéria é construída de modo a dar a impressão de que, em se tratando da vida de animais em extinção, nenhum esforço será poupado para conseguir que eles se reproduzam e consigam perpetuar a espécie, desde as imagens idílicas e os sorrisos de aprovação dos repórteres, até o fundo musical que oscila entre o lúdico e um estilo oriental suave. Embora a matéria deixe claro que os animais foram emprestados pelo governo chinês para celebrar os fortes laços entre Pequim e Cingapura, desvelando assim seu viés também político, procura-se enaltecer o caráter desinteressado ou altruísta da iniciativa, na afirmação (final e resumida) de que o esforço em questão é também para “sensibilizar as pessoas para a conservação da fauna”. O que o programa “Pelo Mundo” não mostra, entre outras coisas, é que, para ver esses animais de “primeira classe”, os visitantes do *River Safari* devem pagar um adicional de cinco dólares por adulto e três por criança, para ter acesso por apenas quinze minutos às instalações dos animais⁴⁸. A matéria da Globo não aborda esse aspecto do valor instrumental dos animais, nem questiona o “centro de pesquisa com um laboratório para ajudar no programa de melhoramento e conservação dos pandas gigantes”, mencionado também de forma breve no fim da matéria. A iniciativa de conservação *ex-situ* - ou seja, fora do lugar de origem - de que trata a matéria emerge, então, como uma verdade única, ou como a melhor solução para deter a extinção de espécies como aquela. A preservação de espécies ameaçadas de extinção (além de sementes e germoplasma), em vez da conservação de seus *habitats*, é uma prática cada vez mais comum e aceita em nosso mundo. Mas depositar fragmentos da natureza em UTIs sofisticadas⁴⁹, em ambientes artificiais, é uma das expressões do que Santos chamou de substituição da

natureza histórica e/ou analítica do passado pela natureza-espetáculo ou sintética. O conteúdo da matéria em questão ilustra muito bem o que ele destacou como “uma dolorosa confusão entre sistemas técnicos, natureza, sociedade, cultura e moral⁵⁰. De acordo com uma das premissas desta pesquisa, fica claro, ainda, que os pandas gigantes são animais a serem estimados. Mas que existem condições e contextos para que isso ocorra.

4.2. Título da matéria: “Programa de treinamento ensina outras atividades a cavalos de corrida aposentados” (Data: 14/12/12; Tempo: 03’09’)

Essa matéria tem início na voz do repórter, que diz: “O turfe, ou corrida de cavalos, é um dos esportes mais tradicionais do mundo. Começou na Inglaterra, lá pelo século XVII. No início, os cavalos de corrida eram os do norte da África e os árabes. O cruzamento dos cavalos africanos com os árabes e os melhores cavalos europeus deu origem ao puro-sangue inglês”. RM: “Os puro-sangue são cavalos majestosos e caros. Enquanto estão vencendo corridas e são paparicados, grandes astros e estrelas. Mas e quando o tempo passa e a aposentadoria chega? Há muitas histórias sombrias sobre cavalos puro-sangue que não conseguem mais vencer corridas”. RH: “Por isso, em Levendale, na Tasmânia, um programa de treinamento pretende ensinar outras atividades aos cavalos de corrida aposentados. Aposentadoria com dignidade”. RM: “É pra quem pode. E sem fator previdenciário”. RH: “Não é porque o tempo passou que se perde a elegância. E os novos companheiros estão na mesma situação: nenhum pode se gabar de nada. O programa de treinamento na Austrália pretende ensinar habilidades novas aos cavalos velhos, para corridas. Fora das pistas a vida tem menos *glamour*, mas nem por isso perdeu a graça. A nova vida pode ser bem aventureira e continuar na correria. Os ex-competidores de turfe estão aprendendo a canalizar a energia e a capacidade

atlética para outras atividades e outros obstáculos. Pru Cotton é a gerente do programa. Diz que o objetivo é treinar cavalos de corrida puro-sangue aposentados e encontrar novas casas pra eles. Não é uma tarefa simples, nem barata. Custa caro manter cavalos de corrida, ainda que ex-corredores. Grupos de defesa dos animais calculam que até 20.000 cavalos são sacrificados na Austrália a cada ano, uma grande parte da indústria de corridas. Cotton diz que é preciso mudar a percepção sobre como os puro-sangue são maravilhosos e como podem se relacionar com as pessoas. O programa se chama “Recomeço” e um dos astros é Stan, um cavalo de corrida que era conhecido como Obstinado. Stan aprende a entender outros comandos. Brett Williams, ex-dono de Stan, diz que ele era muito bom e que está ansioso para vê-lo em uma boa casa. Cotton diz que Stan era conhecido como ‘foguete de bolso’. Agora é só mais um cavalo valioso, uma personagem. No programa ‘Recomeço’ o dia começa com um bom trote. Depois tem sessões de alongamento. Alguns animais são treinados para adestramento, para saltos. Outros estão destinados a clubes. Tá, não tem mais torcida, nem fotógrafos em volta. Mas correr na natureza também deve ter seus encantos. E até pode se sujar”, finaliza o repórter.

A segunda matéria aqui analisada, desprovida de qualquer fundo musical, incita muito mais comentários do que a anterior. Na reportagem sobre os pandas gigantes – em que pese o contexto artificial e a abordagem totalmente acrítica – é possível concordar com o fato de que o tratamento especista conferido aos animais em questão é em seu favor. Nesse caso, entretanto, chama a atenção o caráter distorcido com que os supostos benefícios para os animais são apresentados.

A primeira impressão é a de se estar lidando com um caso de especismo seletivo intraespecífico, uma vez que aos puro-sangue ingleses é dispensado um tratamento muito diferente dos pangarés comumente vistos puxando pesadas carroças nas cidades ou no campo. Mas, na verdade, o tratamento diferenciado que recebem é diretamente proporcional ao seu valor instru-

mental e existe um “prazo de validade” para isso: ao contrário do que afirmou o repórter, quando chamou os cavalos aposentados do turfe de “velhos”, os animais destinados ao programa “Recomeço”, que visa à reintrodução deles numa “vida ativa” (sic), têm em média de cinco a seis anos. Stan, ou Obstinado, o cavalo citado na matéria, tinha apenas cinco anos quando iniciou seu “treinamento” no programa “Recomeço”⁵¹. De uma forma geral, então, a matéria naturaliza o uso dos equinos por parte dos humanos, sendo que a atividade em questão sequer poderia ser considerada uma “necessidade”, como é supostamente o caso dos animais usados para tração, no campo ou cidade, cujos proprietários são de baixa renda ou sem acesso a tratores. É comum encontrar defensores do turfe, e outros esportes rotulados como elegantes, envolvendo cavalos, alegarem que esses animais são muito bem tratados naquelas atividades, ao contrário dos seus companheiros de espécie sem raça definida, que realizam trabalhos pesados. Não percebem tais pessoas, porém, a parcialidade, o egoísmo e a futilidade de seus argumentos, algo que a reportagem em pauta ajuda a reforçar. Mas é preciso esclarecer, todavia, que o nível técnico alcançado pela nossa sociedade torna moralmente repulsivo tolerar que seres sencientes (e aqui incluo os humanos) sejam submetidos a trabalhos forçados. E há de se reconhecer que, se isso acontece, é porque a sociedade naturaliza e banaliza esse fato.

A matéria erra, portanto, ao considerar como aposentadoria a reintrodução dos animais em atividades (leia-se trabalhos forçados), e mais uma vez para atender aos desejos humanos. A reportagem se limita a prover um breve histórico acerca de como surgiu a raça puro-sangue inglês e destaca ser esse um esporte muito tradicional. Mas quando toca sucintamente na questão do destino dos animais que se tornam imprestáveis para o serviço para o qual foram criados – as corridas – apesar de mencionarem a existência de histórias sombrias sobre o assunto, omitem o fato de que o turfe é, na verdade, uma “máquina de matar” cavalo. A matéria peca, ainda, por conter comentários jocosos a

respeito da pseudo-aposentadoria dos cavalos e de antropomorfizar os supostos ganhos ou perdas para eles. Alguns exemplos disso são: considerar um privilégio e uma aposentadoria “com dignidade e sem fator previdenciário” a reintrodução ou adestramento dos animais para que realizem atividades contrárias à sua natureza; dizer que “a vida tem menos *glamour* fora das pistas”; chamar os animais de ex-competidores, como se eles houvessem feito essa escolha; ou, ainda, o mais do que patético comentário final: “Tá, não tem mais torcida, nem fotógrafos em volta. Mas correr na natureza também deve ter seus encantos. E até pode se sujar” (resic).

Essa matéria especista também naturaliza vários outros aspectos que fazem dos cavalos uma mera propriedade e não seres sencientes. Como exemplo, cito o fato de o ex-dono do cavalo Stan (ou deveria chamar esse senhor de ex-carrasco?), Brett Williams, dizer que “o animal *era* muito bom e que está ansioso para vê-lo em uma boa casa”. Stan, ou Obstinado, *era*, então, muito caro (uso a palavra caro em todos os seus sentidos) ao seu dono enquanto este pagava seus próprios custos e ainda lhe auferia vultosos lucros. Agora não é mais (quase) nada, como confirma a responsável pelo programa de reintrodução dos animais Pru Cotton: Stan era conhecido como ‘foguetete de bolso’, mas agora é só mais um cavalo valioso, uma personagem”. A maioria esmagadora dos proprietários desses seres sencientes chamados cavalos não consegue desenvolver qualquer espécie de laço afetivo genuíno com eles. Prova disso é oferecida na própria matéria, na passagem “custa caro manter cavalos de corrida, ainda que ex-corredores”; é por essa razão que “grupos de defesa dos animais calculam que até 20.000 cavalos são sacrificados na Austrália a cada ano, uma grande parte da indústria de corridas”. Mas a morte de tais animais tem um destino também lucrativo: fornecem matéria-prima para a indústria de alimentos para *pets* (como cães). Talvez, por essa razão, não tenham nunca acesso a uma verdadeira aposentadoria.

Ademais, como é possível verificar em outro *site*⁵², Pru Cotton seleciona os animais que têm potencial para o treinamento cujo duplo objetivo é “ajudar bons cavalos a construírem uma longa e bem sucedida carreira e garantir que os praticantes de hipismo ou usuários, em geral, obtenham uma montaria adequada e segura”. Nesse sentido, muitos animais são adestrados para saltos e outras práticas que são potencialmente lesivas a eles. Pergunta-se, então: que aposentadoria é essa? Em que condições e contextos esses nobres animais são “estimados” por seus donos? Só quando lhes auferem lucros ou benefícios como os momentos de lazer egoísta em questão? Qual o destino dos menos afortunados (será que, de fato, o são?), que não são vistos como ‘bons’ cavalos: virar ração para animais de “primeira classe”?

O conteúdo dessa matéria corrobora quase tudo o que foi argumentado na fundamentação do presente artigo. Como exemplo cita-se um trecho de Meadows⁵³ que diz que a mídia “é orientada para eventos e superficial; não reporta a estrutura subjacente, contextos históricos ou implicações a longo prazo; simplifica as questões e tem pouca tolerância com a incerteza, ambigüidade ou complexidade, além de dividir o mundo em situações certas e erradas”. No universo dos animais domesticados pelos humanos e passíveis de serem estimados, o caso dos cavalos é um dos mais tristes de todos. São raras as situações nas quais são amados verdadeiramente, pois seu valor instrumental costuma prevalecer como fiel da balança. Nunca podem ser eles mesmos. A migalha que alguns recebem depois de treinados em programas como o “Recomeço” é poder até se sujar (como é dito no término da matéria); é poder até ser, por momentos fugazes, um arremedo do que deveriam ser o tempo todo: livres.

4.3. Título da matéria: “Japonês vende bolo especial de natal para cães” (Data: 21/12/12; Tempo: 02’40’)

Os apresentadores dão início à matéria falando do clima característico das festas natalinas, dos presentes e convidados,

e comentam que no meio dessa confraternização estão os cachorros de estimação da casa, que ficam tontos: “Não podem pegar uma perna do peru, não podem roubar uma lasca do bacalhau... Passar a pata nas rabanadas, então, nem pensar! (RM). RH: “Por isso, no Japão, os cachorros foram incluídos na ceia com um bolo especialmente pensado e feito para os simpáticos amigos de quatro patas”. RM: “O caminho do paraíso eles já conhecem. A padaria tem uma vitrine muito mais interessante que a da máquina de frango assado (sons de cão choramingando). A aparência do bolo é ótima. Eis a mais pura expressão de felicidade canina: o rabo abanando (sons de cão choramingando). O autor da guloseima é o confeitiro Naohiko Nagatani. Ele se dedica à produção de bolos e doces confeitados com ingredientes especiais para cães. Já tem mais de setenta encomendas para este Natal. Cada bolo custa pelo menos o equivalente a R\$140,00. Naohiko diz que a taxa de natalidade de crianças está diminuindo muito no Japão e os cachorros andam recebendo mais mimos. Os bichos vêm as pessoas comendo bolo e querem também. Naohiko diz que tudo depende de como os donos criam os animais de estimação. Se os bichos comem bolo todos os dias, podem ficar gordos e preguiçosos. Mas o Natal é só uma vez por ano. Se o bolo é servido como uma recompensa, donos e cachorros ficam felizes. Pode-se levar o bolo pra casa, mas isso não se faz se o cachorro tiver ido junto à padaria. O olhar fica comprido... É ali mesmo. Akiko Uchida é cliente do restaurante por causa da Kenji, a cachorra. O que deve ser chato é tanto salamaleque para abocanhar o bolo, né, Kenji? (repórter sorrindo). Mas se tem que ser de colher, que seja. Akiko admite que adora o sabor do bolo. Por isso, sempre que vão à padaria, ela e Kenji dividem um. Kenji está vidrada no bolo (a sra. Akiko ri, enquanto faz um gesto de brincadeira com sua cadela). Maravilha, a conversa acabou. Vamos ao que interessa: prato vazio. Quem gosta de bichos sabe bem que esse gesto vale o mimo” (sons de cão choramingando).

Nessa matéria, cujo conteúdo estimula o especismo seletivo e o consumo de supérfluos, um primeiro aspecto que chama a atenção é o total silêncio acerca dos ingredientes usados no bolo, como quais seriam eles e se são mesmo saudáveis para os cães. A matéria apenas se limita ao depoimento obviamente nada isento do vendedor da guloseima, o Sr. Nagatani, para quem o bolo pode ser comido sem problemas desde que não seja em excesso. Outro fato digno de nota é a matéria ter afirmado no início tratar-se de um bolo feito com ingredientes especiais para cães e ter mostrado, na conclusão, uma mulher e sua cadela de estimação dividindo o prazer de degustar a *delicatessen* em questão. Isso foi um tanto surpreendente. Mas ainda no decorrer da matéria as cenas e falas da repórter, destacando a beleza da vitrine onde o bolo ficava exposto, já levantavam uma pista sobre o verdadeiro alvo de tanto esmero estético. Seria despropositada a ornamentação tão cuidadosa de uma vitrine e a existência de um recinto tão sofisticado para vender algo destinado a seres que não têm senso de estética (pelo menos não da mesma forma que nós humanos). Os verdadeiros destinatários do bolo são, portanto, os humanos.

Com o intuito de entender melhor tais questões, foi realizada uma busca na *Internet* e descobertos diversos links relacionados ao assunto, sendo que um deles⁵⁴ traz a mesma matéria, em espanhol. No link mencionado, a reportagem diz – diferentemente da matéria do “Pelo Mundo” – que os ingredientes do bolo são compatíveis para animais e humanos. Também nesse link fica mais evidente, sobretudo no fim da matéria, que quem mais se delicia com o bolo é a Sra. Akiko, o que deixa claro que tal “agrado” é apenas mais uma prática ególatra, assim como tantas outras supostamente dirigidas aos *pets*, tais como lacinhos de fita, medalhinhas, e banhos com cosméticos que deixam cheiro de gente neles. Fica evidente, então, que a cadela da sra. Akiko é atraída pela vitrine por poder antecipar o que nela há de bom (será que há?) e não pelo que seu olfato ou visão lhe informa-

riam ser de importância - em sua condição canina - na busca por alimentos.

No que tange aos ingredientes, tão especiais, é praticamente certo que existam vários oriundos de outros animais que foram mortos por não se ajustarem à categoria de “animal de estimação” e, na lógica especista, não serem considerados dignos de consideração moral ou merecedores de respeito aos seus interesses mais básicos. Essa matéria - como tantas outras que vemos nas telinhas - faz uma ode à futilidade, ainda que o preço para desfrutar de algo supérfluo seja a destruição do essencial, como se enfatiza numa passagem do documentário *Home*, de Yann Arthus-Bertrand, de 2009.

Por fim, vale destacar o nome da confeitaria do Sr. Nagatani: *Finocchio*, uma palavra italiana que combina com o clima de ocidentalização da cultura japonesa presente tanto no “*gâteau*” em si (o bolo), quanto na celebração do Natal, uma festa que ganhou corpo sobretudo a partir dos anos 1970 e 1980, essencialmente por interesses comerciais. Antes da última onda de globalização da economia, essa festa ocidental tinha pouca ou nenhuma importância em países como o Japão. Mas agora é mais um aspecto da unidimensionalização da cultura cuja característica é uma

estéril uniformidade que conduz a um estilo de vida semelhante que se impõe de um extremo ao outro do planeta, divulgado pela mídia e prescrito pela intoxicação da cultura de massa. De La Paz a Ouagadougou, de Kyoto a São Petersburgo, de Oran a Amsterdam, mesmos filmes, mesmas séries de televisão, mesmas informações, mesmas canções, slogans publicitários, roupas, carros, arquitetura e apartamentos decorados de maneira idêntica. Na história da humanidade, nunca práticas características de uma cultura tinham chegado a se impor, de uma forma tão rápida, como modelos universais, e também políticos e econômicos.⁵⁵

No que concerne à palavra *Finocchio*, é interessante mencionar ainda que, embora “erva-doce” e “funcho” sejam alguns dos seus significados, “bobo” ou “tolo” é um dos usos mais populares da palavra. Cabe aqui a pergunta: bobo é quem faz, ou

quem compra o bolo? Bobo é certamente o estado mental que se apodera de alguém que assiste constantemente a esse tipo de matéria.

4.4. Título da matéria: “Peru vira bicho de estimação em Los Angeles” (Data: 21/12/12; Tempo: 03’04’)

A quarta e última matéria analisada neste artigo tem início com uma apresentação do veganismo por parte do repórter. Diz ele: “O veganismo é uma filosofia de vida. A idéia principal é respeitar o direito dos animais. O vegano não consome animais, nem produtos de origem animal. Em inglês, *vegan* é uma corruptela da palavra *vegetarian*: as três primeiras letras se juntam às duas últimas. Em português entram as três primeiras letras e as três letras do final de “vegetariano”. RM: “Em Los Angeles, na Califórnia, Estados Unidos, um centro de proteção à vida animal vegano sugere que os perus apreciados no Dia de Ação de Graças e no Natal façam parte da família de uma maneira diferente: como animais de estimação”. RH: “todos os dias são tensos pra essas criaturas. Vez por outra um companheiro é pego contra a vontade e nunca mais é visto. Esse é um criadouro de um hotel fazenda. Se os hóspedes pedem, ninguém vai comprar o que já tem em casa⁵⁶. Mas no caso dos perus, a tensão é mais pontual. O Natal se aproxima e lá está a ave como parte da família, mas na mesa da ceia. A proposta do centro vegano é que os perus sejam esquecidos como astros da ceia natalina e de Ação de Graças e façam parte das famílias como bichos de estimação. Susie Coston é vegana e defende a idéia. Ela argumenta que os perus são animais que seguem as pessoas, são comunicativos e gostam de receber atenção. Os defensores dos direitos dos animais afirmam que isso é um mito, coisa de quem gosta de peru assado. E, se é animal de estimação, tem que ser limpo. Essas reações são normais em cachorros e gatos – com o tempo se acostumam (comenta o repórter diante da cena de um peru

batendo as asas, por um momento, dentro da banheira onde tomava o banho). Karen Dawn é uma ativista. Depois do banho – com xampu - o peru passa pelo secador de penas”. O repórter termina essa parte da matéria tecendo comentários a respeito de como a ativista Karen Dawn ficou surpresa com a doçura do primeiro animal a quem deu banho (uma fêmea). A matéria prossegue, mas aqui é o momento de fazer algumas observações sobre a mesma.

É preciso elogiar a escolha do tema veganismo para uma matéria do programa “Pelo Mundo”, mas algumas frases ficaram tão sem sentido que logo se pôde evidenciar que a sequência de depoimentos da reportagem original não havia sido respeitada e que provavelmente não houve, tampouco, o devido cuidado em diversos cortes nas falas dos entrevistados. Vale destacar também imprecisões de linguagem como a que houve no início da matéria, quando o repórter comenta que os perus fazem parte das famílias como refeição. Não se trata de “fazer parte da família”, mas de “estar junto à família”.

A fim de dirimir tais dúvidas, foi realizada uma busca na *Internet* e encontrado um link⁵⁷ em língua inglesa, da AOL, sobre a mesma matéria, a partir do qual foram constatados alguns pontos importantes. Por exemplo, no link citado, foi possível verificar que o “hotel-fazenda” mencionado no Programa “Pelo Mundo” (trecho em que o repórter diz: “Esse é um criadouro de um hotel fazenda”) é, na verdade, o santuário de animais denominado “Farm Sanctuary”. Lá, a ativista Susie Coston comenta que “os perus são aves delicadas e muito susceptíveis a danos físicos; são selecionadas geneticamente para servir como refeição aos humanos e são incapazes de se reproduzirem sozinhas como seus parentes selvagens”. Nessa mesma passagem, a câmera da matéria da AOL mostra a pata ferida de um animal, algo corriqueiro nas fazendas industriais, cena que foi excluída da matéria do “Pelo Mundo”. A matéria da AOL prossegue dizendo que quem tem perus como animais de estimação sabe que eles não são nada estúpidos (fala de Susie Coston), seguem

seus donos, são muito sociáveis e comunicativos e gostam de receber atenção, uma ideia compartilhada por Raquel Maria Dillon, da *Associated Press*, que aparece numa cena alimentando e interagindo com os animais. Nesse trecho da matéria da AOL comenta-se que “existe uma crença de que perus são tão estúpidos que durante uma tempestade eles ficam olhando para o céu, com seus bicos abertos, até se afogarem”⁵⁸.

Por que é importante trazer essa passagem da matéria da AOL na análise de conteúdo da matéria jornalística do programa “Pelo Mundo”? Porque, na sequência, a matéria da AOL destaca que “os que advogam os direitos dos animais dizem que isso (os animais se afogarem dessa forma) é um mito”. Ou seja, na matéria do “Pelo Mundo”, foi sumariamente excluída a passagem que se reportava à suposta falta de inteligência das aves, o que resultou na seguinte conexão totalmente sem sentido e até contraditória: “Susie Coston argumenta que os perus são animais que seguem as pessoas, são comunicativos e gostam de receber atenção”; “os defensores dos direitos dos animais afirmam que isso é um mito, coisa de quem gosta de peru assado”!

Foi possível perceber também que, ao excluir ou resumir depoimentos importantes de ativistas, a matéria do programa “Pelo Mundo” acabou distorcendo a mensagem abolicionista em defesa dos animais em questão, dando mais espaço para o conteúdo essencialmente técnico dos cuidados com animais de estimação. Isso pode ser sentido em passagens como “se é animal de estimação, tem que ser limpo. Essas reações são normais em cachorros e gatos – com o tempo se acostumam”; e quando o repórter enfatiza que a ativista Karen Dawn usa xampu e um secador de penas no cuidado com os animais.

Tal interpretação nada neutra do banho dos perus vai de encontro ao que é apresentado na reportagem da AOL. Em vez de mostrar o banho como um simples cuidado com um animal de estimação, a matéria da AOL permite inferir que ele era uma necessidade decorrente do fato de as aves terem sido recém-resgatadas de uma fazenda de criação industrial onde vivem num

ambiente sujo e insalubre. O banho, portanto, era uma medida de higiene e conforto que não guarda nenhuma semelhança com os banhos que muitos animais, como cães e gatos, tomam em *petshops*, supostos mimos que muitas vezes não dizem respeito às necessidades dos animais, e sim às vontades de seus donos.

É muito interessante, neste momento, resgatar uma reflexão de Bourdieu na qual ele justifica por que vê com reservas a afirmação de que estamos num mundo dominado pela imagem. Diz ele: “Paradoxalmente o mundo da imagem é dominado pelas palavras. A foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler - *legendum* - isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa. Nomear é fazer ver, é criar, levar à existência”⁵⁹. Os comentários da matéria da *Globo News* acerca da cena do banho caracterizam um bom exemplo disso: sua fala, ou seja, sua “legenda” resultou no esboroamento do enfoque abolicionista em prol de uma visão tão somente de cuidado estético com os animais em questão.

Tanto a matéria do “Pelo Mundo” quanto a da AOL enfatizam no final (numa fala de Susie Coston) que os métodos agrícolas modernos são cruéis e que as aves criadas nos EUA são mais maltratadas do que quaisquer outros animais porque não há leis que as protejam de diversos abusos. Mas no caso da matéria da *Globo News*, o repórter finaliza dizendo: “Tá, são mesmo desprovidas de beleza. E o canto...” (a câmara focaliza um peru a grugulejar). “Mas não dizem que quem ama o feio bonito lhe parece? Aí está a sugestão dos veganos: o peru em família, mas não servido à mesa”.

O questionamento estético também ocorreu na matéria da AOL, mas teve lugar logo no início. Na verdade, foi a primeira frase da matéria: “Você poderia amar uma cara assim? Para Susie Coston, a resposta é sim”.⁶⁰ Pode parecer um detalhe sem importância, mas isso faz diferença, porque o restante da matéria da AOL foi no sentido de mostrar o quanto o aspecto estético é irrelevante diante das questões éticas ali envolvidas. Já na matéria do “Pelo Mundo”, houve um desvio do foco abolicionista

animal e o que vem junto com esse universo, como o caráter senciente dos animais e a postura ética de quem é vegano. Na matéria do “Pelo Mundo”, o fato de o questionamento de ordem estética ter ficado para o final deixou a impressão de que a beleza física é um ponto fundamental para que um bicho seja estimado, embora isso possa até ser superado.

Finalmente, na matéria da AOL também se ressalta, no fim, que há alternativas veganas para as ceias, algo que a matéria da Globo deixou de mencionar. Acabou ficando um pouco a impressão de que os veganos são pessoas um tanto excêntricas, já que não houve espaço para o debate do que se encontra no cerne do abolicionismo animal.

5. Considerações finais

Como é possível depreender a partir do breve estudo aqui apresentado, neutro é tudo o que o jornalismo não é. Peças jornalísticas cujos conteúdos são falsos, enganadores e até criminosos, invadem constantemente nossas mentes moldando, em maior ou menor grau, nossas relações com o entorno, isto é, com *o outro*, no caso aqui, com os animais não-humanos.

Isso acontece porque, “apesar de que os meios de comunicação possam ser instrumentos de mudança social, eles raramente o são, pois a mídia ocidental se caracteriza por uma habilidosa propaganda e tem como propósito o de entreter, embalar e vender, não informar e menos ainda levantar questões sobre paradigmas”.⁶¹

A frase de abertura do programa “Pelo Mundo” parece fornecer uma indicação acerca do que os editores e jornalistas julgam ser vendável e merecedor do rótulo “entretenimento”. O programa tem início com a frase “É informação com diversão”, ou seja, as matérias (inclusive aquelas sobre os animais) não podem ter um viés crítico ou serem enfadonhas.

O que é vendável depende também do crivo dos anunciantes, isto é, daqueles que financiam a programação das tevês, inclusive nos canais pagos. Edwards⁶² afirma que a publicidade é um componente crucial do sistema da mídia. Ele destaca, corroborando algumas ideias de Ramonet,⁶³ que “o primeiro fato óbvio sobre os meios de comunicação de massa é que eles não são controlados por corporações: eles são feitos de corporações. Uma das conseqüências disso é que programas que promovem os negócios são patrocinados por grandes empresas e tendem a prosperar e os que ‘estragam’ os negócios tendem a sair do ar, ou ficar à margem”.

Os programas que promovem os negócios são geralmente aqueles que incentivam a banalização da violência e o surgimento de uma cultura massificada que visa a estimular o consumismo e a cultura do narcisismo⁶⁴. No contexto desse universo de produção de mercadorias materiais e simbólicas, temos também os animais-objetos, tanto os passíveis de uma exploração silenciosa, quanto os que, em tese, foram “desenhados” para serem estimados. Dessa forma – via conteúdos latentes – a mídia reafirma valores hegemônicos moralmente condenáveis como o especismo *tout court*, o especismo seletivo, o valor meramente instrumental dos animais e o estímulo ao consumo de animais e seus derivados como mercadorias supérfluas, entre outros. Isso tem conseqüências (des)educativas desastrosas, sobretudo por se tratar de um aprendizado incidental, via conteúdos não explícitos. De fato, a onipresença e a diversidade dos meios de comunicação de hoje fazem com que estes sejam instrumentos de veiculação de idéias e valores mais importantes do que o ensino escolar tradicional. A educação, no sentido lato, é, portanto, um processo contínuo, abrangente e complexo. E essa exposição diária a um verdadeiro bombardeio de informações que refletem a “verdade” antropocêntrica e especista da cultura ocidental-industrial tem ajudado a perpetuar a barreira entre nós e as outras espécies animais.

Vimos como o trabalho de reportagem (especialmente o texto, com suas ênfases, exclusões e silêncios subjacentes) na matéria sobre o veganismo foi feito de modo a enfraquecer o vínculo entre os ativistas e o abolicionismo animal. Vimos também, nessa e em outras matérias, uma eliminação praticamente total dos contextos históricos, políticos e éticos subjacentes aos temas em questão, em favor da glorificação de aspectos egoístas e superficiais, como a aparência estética ou a serventia a algum propósito humano. Isso é mais uma expressão, na prática, da vitória de uma racionalidade econômica e hedonista sobre uma racionalidade que podemos chamar de moralmente correta e altruísta. Tal perspectiva hedonista e superficial – que não raramente vem acompanhada de interesses mercantilistas – contribui para a solidificação de uma visão “aética”, no sentido de ausência de conteúdo ético explícito quando da construção/reprodução de conceitos que envolvem nossa relação com os animais. Entretanto, é preciso que fique claro que é precisamente a pseudoeliminação de tais conteúdos, ou seja, os silêncios que os envolvem, que corrobora determinados objetivos (anti)éticos.

Mesmo o jornalismo que se arroga ambientalista e pró-animal não costuma escapar dessa perspectiva, uma vez que a ética conservacionista encontra-se imersa numa racionalidade essencialmente instrumental, marcada pelo antropocentrismo e pelas ego-ações. Em consequência disso, muitas atitudes conservacionistas (e, em tese, pró-animais) são guiadas pelo medo, por necessidades prementes ou coerção, e não pela liberdade como tomada de consciência. A matança, por exemplo, de animais que não estão em extinção é emblemática nesse sentido: desprovidos de valor instrumental como bancos genéticos (para a garantia de manutenção da biodiversidade cujo valor instrumental é inquestionável), tais animais são “obrigados” a servir a outros propósitos instrumentais (como fonte de proteína, ou pele, por exemplo) sem que jamais se considere seu valor intrínseco. A racionalidade instrumental é o pano de fundo sobre o qual cada ser vivo deixa de existir como sujeito de uma vida, como um fim

em si mesmo, para ser reduzido a um mero recurso⁶⁵. Como nos ensina Arendt⁶⁶, há uma permanente distorção na relação entre meios e fins, já que todos os fins tendem a ser de curta duração e a transformar-se em meios, em outros contextos, para outros fins.

Uma série de observações ainda poderia ser feita acerca das reportagens analisadas aqui como a presença ou não de fundo musical, sons em geral, detalhes sobre tomadas de câmaras, cortes de cenas, linguagem corporal – como a expressão facial – dos repórteres, etc. Muitas outras matérias, desse mesmo programa, também teriam sido oportunas para exemplificar de que maneira os conceitos e valores aqui desvelados são criados e reforçados. Um exemplo é a matéria intitulada “Japonês vende bolo especial de Natal para cães” (também do dia 21/12/12), que ficou fora da análise deste artigo por falta de espaço. Citarei ainda, de forma breve, uma reportagem relativa ao período de início da observação exploratória sobre os possíveis objetos de estudo a serem eleitos nesta pesquisa. A matéria em questão diz respeito a um tratamento supostamente de rejuvenescimento, na Califórnia, com um creme de beleza à base de caviar. Também nesse caso, os apresentadores se limitaram a enaltecer os aspectos fúteis do tema, afirmando, por exemplo, ser o tal creme uma espécie de “*Rolls-Royce*” dos tratamentos faciais. Eles deram destaque, também, ao preço do tratamento, que, segundo eles, é tão salgado quanto as águas em que vive o “peixinho” que fornece a matéria-prima para o seu preparo: U\$ 450,00. Interessante é que outra matéria desse mesmo dia (16/12/2012) mostrava robôs interativos que têm (pasmem!) “sentimentos”, mas em nenhum momento os apresentadores do programa se dedicaram a tecer um comentário sequer acerca do sofrimento e dos sentimentos do “peixinho” de cujas entranhas se extrai a matéria-prima (sic) para o frívolo tratamento. Fica patente, portanto, a necessidade de mais estudos no sentido de desvelar os aspectos ocultos ou latentes das referidas matérias jornalísticas e seu potencial (des) educativo.

Popper⁶⁷ chega a propor um código de ética e ao mesmo tempo um mecanismo de controle, por parte do Estado, no que toca aos profissionais que atuam na televisão. “Qualquer pessoa que trabalhasse para a televisão faria parte de uma organização e possuiria uma licença que poderia perder se infringisse as regras estabelecidas por essa organização. Ele enfatiza que a civilização consiste essencialmente na redução da violência. É essa a sua função principal e também o objetivo que visamos quando tentamos elevar o nível de civismo na nossa sociedade. O conteúdo dos cursos de formação deverá orientar-se para o papel fundamental da educação, para as suas dificuldades e para a questão de esta não consistir apenas em ensinar os fatos, mas, sobretudo, em mostrar como é importante a eliminação da violência”.

A comunicação cria interpretações de lugares, objetos e seres vivos e contribui para promover certas maneiras particulares de viver como sendo naturais. À medida que produz e reproduz continuamente tais interpretações, a comunicação acaba por se tornar, de fato, um vetor de manutenção do *status quo* muito mais importante do que a educação formal, escolar. Tudo isso, ainda que de forma um tanto caótica, tem um fim social e ético específicos.

6. Notas de referência

- ¹ SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo - Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. p.45
- ² A globalização pode ser definida como um processo que se caracteriza pela disseminação em grande escala de informações provenientes dos universos simbólico e técnico-científico.
- ³ SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo - Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. p.20.

- 4 POSTMAN, Neil. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.
- 5 POSTMAN, Neil. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994. p.18; 27.
- 6 RAMONET, Ignacio. Geopolítica do caos. Trad. Guilherme J.F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998. p.72.
- 7 MEADOWS, Donella. Changing the world through the informationsphere. In: LAMAY, Craig L.; DENNIS, Everette E. (eds). Media and the environment. Washington: Island Press, 67-79, 1991. p.67-77.
- 8 A palavra “mídia” tem origem no termo em inglês *media*, plural de *medium* (ou seja, meio). A discussão neste artigo estará centrada num meio de comunicação de massa específico: a televisão.
- 9 SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo - Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 24.
- 10 BRÜGGER, Paula. Os novos meios de comunicação: uma antítese da educação ambiental? In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. de. (Orgs.) Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. 4. ed. São Paulo: Cortez. 2008. p.157.
- 11 MEADOWS, Donella. Changing the world through the informationsphere. In: LAMAY, Craig L.; DENNIS, Everette E. (eds). Media and the environment. Washington: Island Press, 1991.
- 12 FRIEDMAN, Sharon. Two decades of the environmental beat. In: LAMAY, Craig L.; DENNIS, Everette E. (eds). Media and the environment. Washington: Island Press, 17-28, 1991. p. 27
- 13 BRÜGGER, Paula. Educação ou adestramento ambiental? 3. ed. Florianópolis, Chapecó: Letras Contemporâneas/Argos, 2004. p. 91.
- 14 MEADOWS, Donella. Changing the world through the informationsphere. In: LAMAY, Craig L.; DENNIS, Everette E. (eds). Media and the environment. Washington: Island Press, 1991. p.75
- 15 Citado por: POPPER, Karl; CONDRY, John. Televisão: um perigo para a democracia. Tradução Maria Carvalho. Introdução de Giancarlo Bosetti e posfácio de Jean Baudoin. Col. Trajectos. Lisboa: Gradiva, 1995. p.57

- ¹⁶ GONÇALVES, Carlos Walter P. Os (des)caminhos do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 1989. p.25
- ¹⁷ BRÜGGER, Paula. Educação ou adestramento ambiental? 3. ed. Florianópolis, Chapecó: Letras Contemporâneas/Argos, 2004. p. 84.
- ¹⁸ RYDER, Richard. All beings that feel pain deserve human rights - Equality of the species is the logical conclusion of post-Darwin morality. 2005. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/uk/2005/aug/06/animalwelfare>>. Acesso em 04 fev. 2013.
- ¹⁹ REGAN, Tom. Defending animal rights. Chicago: University of Illinois Press, 2001. p.14-15.
- ²⁰ RYDER, Richard. All beings that feel pain deserve human rights - Equality of the species is the logical conclusion of post-Darwin morality. 2005. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/uk/2005/aug/06/animalwelfare>>. Acesso em 04 fev. 2013.
- ²¹ A chamada “Declaração de Cambridge sobre a Consciência” sintetizou os resultados de estudos recentes que demonstram – entre outras questões de suma importância - que as estruturas do cérebro responsáveis pela produção da consciência são análogas em humanos e outros animais. Segundo o seleto grupo de cientistas que conduziu tais estudos, todos os mamíferos, aves e outras criaturas - como os polvos - têm consciência. Isso torna inquestionável a existência do sofrimento nos animais. Não se trata mais, portanto, de um assunto que possa ser considerado como uma especulação estritamente filosófica que careça de base científica. Veja: <<http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf>>
- ²² SINGER, Peter. Ética Prática. 2 ed. Trad. Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 25-92.
- ²³ Exemplos recentes podem ser encontrados nos seguintes links: <<http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2013/01/29/91070-cientistas-fazem-necropsia-em-piton-capturada-durante-desafio-na-floridaeua.html>>; <<http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2013/01/30/91112-gatos-matam-bilhoes-de-animais-e-ameacam-vida-selvagem-dos-eua.html>>; <<http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2013/02/02/91215-brasil-autoriza-caca-de-javali-europeu-para-conter-danos-a-biodiversidade.html>>

- ²⁴ SCHOPENHAUER, A. Sobre o fundamento da moral. Tradução de Maria Lúcia M. O. Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.136
- ²⁵ FRANCIONE, Gary. Introduction to Animal Rights: Your Child or the Dog? Philadelphia: Temple University Press, 2000.
- ²⁶ O título original do livro é *Why we love dogs, eat pigs, and wear cows – an introduction to carnism*, publicado pela Conari Press, em 2009.
- ²⁷ O enfoque biocêntrico marca a corrente filosófica denominada ecologia profunda, proposta na década de 1970 pelo filósofo norueguês Arne Naess. A ecologia profunda (em oposição à ecologia rasa ou superficial) surgiu como uma contraposição à visão dominante de natureza como um mero conjunto de recursos úteis aos seres humanos. Atribui-se as raízes filosóficas da ecologia profunda ao pensamento do escritor norte-americano Henry David Thoreau (1817-1862) e ao engenheiro florestal norte-americano Aldo Leopold (1887-1948). Outros autores atuais associados a essa corrente de pensamento são Fritjof Capra, Humberto Maturana e James Lovelock, entre outros. Entretanto, o filósofo Peter Singer (1998, p. 298) argumenta que “a ética da ecologia profunda não consegue oferecer respostas convincentes sobre o valor das vidas de seres vivos individuais”, pois seus argumentos se concentram em preservação de espécies e ecossistemas e não de indivíduos isoladamente.
- ²⁸ SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo - Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. p.17.
- ²⁹ ARENDT, Hanna. A condição humana. 2. ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 1983. p. 169-170.
- ³⁰ Um participante anônimo da discussão (ver segundo link abaixo), que defende a prática, argumenta que os cães que são abatidos são sobretudo filhotes provenientes de ninhadas muito grandes. Eles são alimentados por uns meses, em vez de serem mortos imediatamente. No afã de defender sua posição, ele ainda contra-ataca o britânico com quem troca as “farpas” em questão, dizendo que não se sabe quantos cães são mortos e queimados na Inglaterra a cada ano, por não encontrarem um lar (sic). <<http://www.anda.jor.br/03/01/2013/fazendeiros-na-suica-criam-animais-domesticos-para-consumo-proprio>>; ou <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2255684/Farmers-Switzerland-routinely-EATING-cats-dogs-meals.html>>.

- ³¹ MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial - o homem unidimensional. 6. ed. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- ³² Igualmente de baixo nível ético e compassivo é a escolha que fazem os vivissecionistas que mantêm primatas, como chimpanzés, em pesquisas, alegando o alto grau de identidade genética entre nós e eles. Tal semelhança poderia servir como base para a abolição dessas práticas, mas, em vez disso, preferem esses pesquisadores se ater à possibilidade de serem os referidos animais “bons modelos”, mesmo contrariando evidências também científicas.
- ³³ O trecho a que me refiro é o seguinte: “a bondade do coração consiste numa compaixão profundamente sentida e universal por tudo o que tem vida; em primeiro lugar, porém, pelo homem, porque o aumento da inteligência cresce passo a passo com a sensibilidade para o sofrimento. Por isso, os incontáveis sofrimentos físicos e espirituais do homem reivindicam muito mais fortemente a compaixão do que a dor apenas física, e por isso mesmo mais abafada, do animal. SCHOPENHAUER, A. Sobre o fundamento da moral. Tradução de Maria Lúcia M. O. Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.196 (grifos no original).
- ³⁴ SCHOPENHAUER, A. Sobre o fundamento da moral. Tradução de Maria Lúcia M. O. Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.179.
- ³⁵ SCHOPENHAUER, A. Sobre o fundamento da moral. Tradução de Maria Lúcia M. O. Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.136; 140; 217-218 (grifos no original).
- ³⁶ Veja por exemplo: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9mios_Darwin>.
- ³⁷ ALPHANDÉRY, Pierre, BITOUN, Pierre & DUPONT, Yves. O equívoco ecológico - riscos políticos. Trad. Lúcia Jahn. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.18.
- ³⁸ Veja, por exemplo: REGAN, Tom. Defending animal rights. Chicago: University of Illinois Press, 2001. p. 4-15.
- ³⁹ Williams, citado por: APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*. Trad. Carlos Eduardo F. de Carvalho. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.16.
- ⁴⁰ <<http://g1.globo.com/globo-news/>>;<<http://g1.globo.com/globo-news/pelo-mundo/videos/>>. Acesso entre: 27 dez. 2012 e 16 jan. 2013.

- ⁴¹ BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.23.
- ⁴² Condry, comenta que a pouca eficácia das campanhas publicitárias contra as drogas se deve às mensagens a elas favoráveis presentes na programação normal das tevês. Embora haja advertências ocasionais contra as drogas, as tevês difundem um grande número de mensagens favoráveis ao seu consumo, muitas das quais em *spots* publicitários que elogiam produtos lícitos, como medicamentos, cerveja ou vinho. Num total de 149 mensagens por ele estudadas, 121 foram favoráveis (81,2%); 22 desfavoráveis (14,8%); e 6 ambíguas. Condry (1995). POPPER, Karl; CONDRY, John. Televisão: um perigo para a democracia. Tradução Maria Carvalho. Introdução de Giancarlo Bosetti e pós-fácio de Jean Baudouin. Col. Trajectos. Lisboa: Gradiva, 1995. p. 51.
- ⁴³ Cabe destacar que os termos “conjunto de técnicas” e “procedimentos objetivos” não são muito adequados em se tratando de um trabalho essencialmente subjetivo, onde se concorda com a existência de conteúdos manifestos e latentes. BARDIN, citado por: TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais - a pesquisa qualitativa em educação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990. p.160.
- ⁴⁴ Veja, por exemplo: SIGEL citado por: APPLE, Michael. Ideologia e currículo. Trad. Carlos Eduardo F. de Carvalho. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.128; e BRÜGGER, Paula. Educação ou adestramento ambiental? 3. ed. Florianópolis, Chapecó: Letras Contemporâneas/Argos, 2004. p.104
- ⁴⁵ Citado por: SCHLECHTWEG, Harold P. Media Frames and environmental discourse: the case of Focus: Logjam. In: CANTRILL, James G.; OVERAC, Christine L. (eds). The symbolic Earth: discourse and our creation of the environment. Kentucky: The University Press of Kentucky, 257-277, 1996. p. 257.
- ⁴⁶ SCHLECHTWEG, Harold P. Media Frames and environmental discourse: the case of Focus: Logjam. In: CANTRILL, James G.; OVERAC, Christine L. (eds). The symbolic Earth: discourse and our creation of the environment. Kentucky: The University Press of Kentucky, 257-277, 1996. p. 257-258.
- ⁴⁷ Citado por: APPLE, Michael. Ideologia e currículo. Trad. Carlos Eduardo F. de Carvalho. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 127

- ⁴⁸ <http://www.mfa.gov.sg/content/mfa/media_centre/singapore_headlines/2012/201210/news_20121030_02.html>
- ⁴⁹ <<http://oglobo.globo.com/ciencia/noruega-inaugura-cofre-do-fim-do-mundo-para-protoger-sementes-3847385>>
- ⁵⁰ SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo - Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. p.24.
- ⁵¹ <<http://naturalhorseworld.com/blog/classified-ads-3/>>
- ⁵² <<http://www.dat.equestrian.org.au/default.asp?Page=29476>>
- ⁵³ MEADOWS, Donella. Changing the world through the informationsphere. In: LAMAY, Craig L.; DENNIS, Everette E. (eds). Media and the environment. Washington: Island Press, 67-79, 1991. p.75.
- ⁵⁴ <<http://www.noticias24.com/mascotas/noticia/11927/un-chef-japones-elabora-dulces-navidenos-para-perros-y-sus-duenos/>>
- ⁵⁵ RAMONET, Ignacio. Geopolítica do caos. Trad. Guilherme J.F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 47.
- ⁵⁶ É possível que a frase em questão tenha sido incorretamente transcrita por conta do áudio não estar muito claro. Pode se tratar, contudo, de mais uma frase sem sentido da matéria.
- ⁵⁷ <<http://on.aol.com/video/in-calif---push-for-turkeys-as-pets--not-food-517545460>>
- ⁵⁸ Veja, por exemplo: <<http://animals.howstuffworks.com/birds/turkey-drown.htm>>
- ⁵⁹ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.25-26.
- ⁶⁰ No original: “Could you love a face like this? Susie Coston does”
- ⁶¹ MEADOWS, Donella. Changing the world through the informationsphere. In: LAMAY, Craig L.; DENNIS, Everette E. (eds). Media and the environment. Washington: Island Press, 67-79, 1991. p.74-75.
- ⁶² DWARDS, David. The millennial moment of truth. *The Ecologist*, v.28, n.6, p. 338-342, nov/dez, 1998.
- ⁶³ RAMONET, Ignacio. Geopolítica do caos. Trad. Guilherme J.F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998.

- ⁶⁴ Sinteticamente, “a cultura do narcisismo coloca o indivíduo no centro dos acontecimentos, dando-lhe a ilusão de que ele é importante e que o objetivo da economia é a satisfação de seus desejos e necessidades” (BELLONI, 1994, p.51). Vale ressaltar que o narcisismo carrega também uma recusa em aceitar a alteridade, “o que não é seu espelho”. Essa é uma das essências da idéia de unidimensionalidade: o que é diferente tende a ser repellido ou reduzido aos termos do universo unidimensional da sociedade industrial.
- ⁶⁵ BRÜGGER, Paula. Educação ou adestramento ambiental? 3. ed. Florianópolis, Chapecó: Letras Contemporâneas/Argos, 2004. p.22.
- ⁶⁶ ARENDT, Hanna. A condição humana. 2. ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 1983.
- ⁶⁷ Citado por: POPPER, Karl; CONDRY, John. Televisão: um perigo para a democracia. Tradução Maria Carvalho. Introdução de Giancarlo Bosetti e posfácio de Jean Baudoin. Col. Trajectos. Lisboa: Gradiva, 1995. p.26-27.